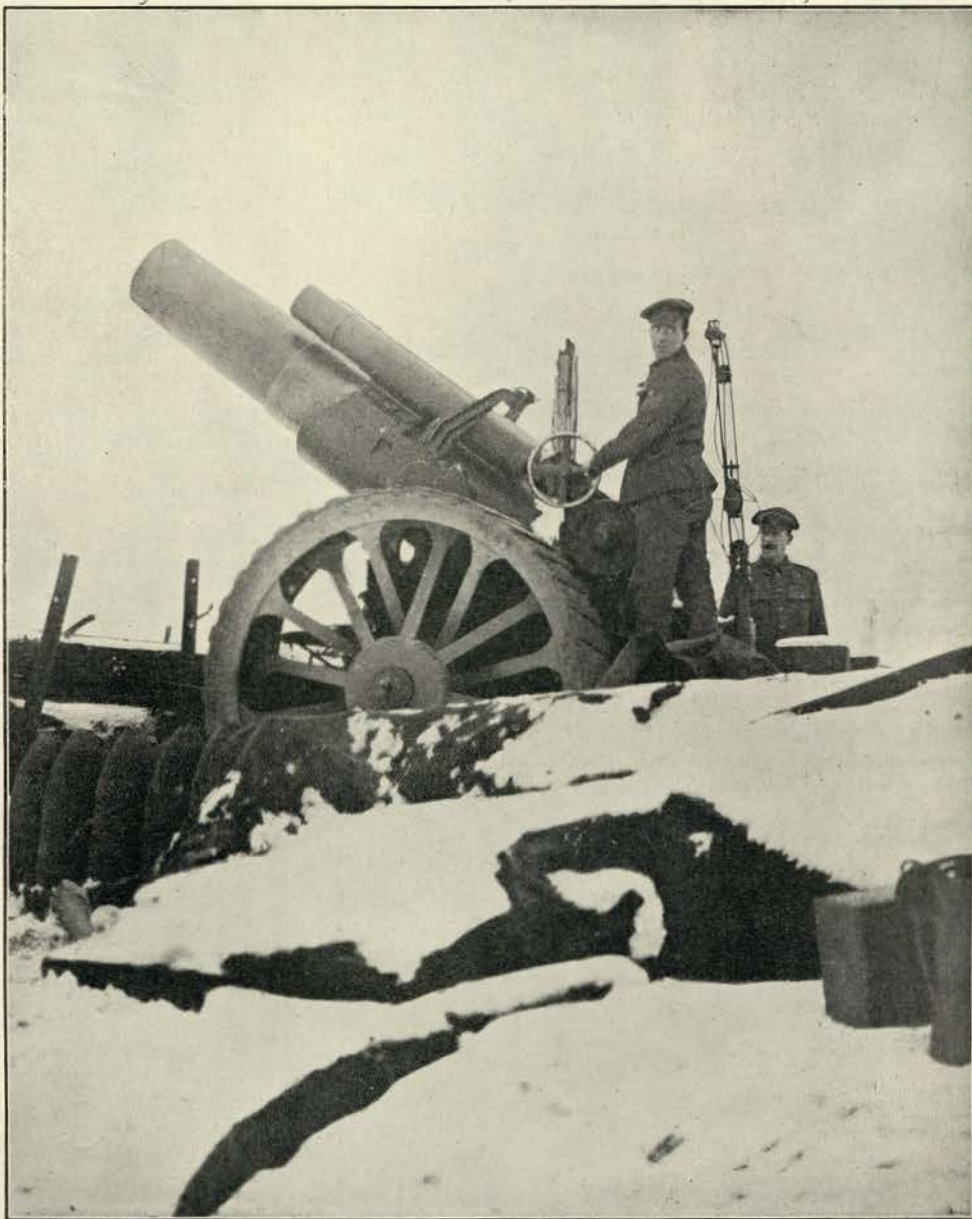


BALUARTES DA VICTORIA



Official Photograph.

A intensa neve na vanguarda ocidental não impede o valente marechal de campo inglês, Sir Douglas Haig, de usar a sua artilharia com grande successo



Escritórios da redacção e administração
d' "O Espelho."

9, Victoria Street, W.

Telephone—Victoria 4661.
Londres.

Assignaturas. Brazil, Portugal.
Annual ou (26 numeros) Rs. 10 \$000 3 \$00
Semestre ou (13 numeros) Rs. 5 \$000 1 \$50

AGENCIAS.

PARIS.

F. Mendes d'Almeida, 47, rue Vivienne,

Lisboa.

Alberto Rocha, 110, Rua dos Douradores.

Porto.

Magalhães & Moniz, Largo dos Loyos.

Mannos.

Stowell Brothers, Rua Marechal Deodoro,
No. 7.

Pará (Belem).

A. M. Freitas & Cia, Trav Campos Sales, 22
"Alfacinha," Rua João Alfredo.
Livraria Universal de Tavares Cardoso, Rua
João Alfredo.

São Luiz do Maranhão.

Antonio Pereira Ramos de Almeida & Cia.

Caera.

Crato, Rua do Commercio, 9, José de Carvalho.
Camocim, José Pedro de Carvalho.
Casa Ribeiro.

Parahyba do Norte.

Simão Patricio de Almeida, Areia.

Pernambuco.

Eugenio Nascimento & Cia, Livraria.
Evaristo Maia, Rua dos Coelhos, 3.
Manoel Nogueira de Souza, Rua do Barão,
da Victoria.
João Walfredo de Madeiros & Cia., (Librairie
Française), Rua 1 de Março 9.

Bahia.

Joaquim Ribeiro & Cia, Rua das Princesas
No. 2.

Victoria.

Paschoal Sciamarello, Rua Jeronymo Mon-
teiro 6.

Rio de Janeiro.

Agencia Cosmos, Rua da Assembléa, No. 63.
Crashley, Rua do Ouvidor, 58.

São Paulo.

Casa Vanorden & Cia, Livraria.
C. Hildebrand & Cia (Casa Garraux), Rua 15 de
Novembro 40.
Pedro S. Magalhães, Rua da Quitanda 26.
Duprat & Cia., Rua Direita 26.
P. Genoud, Livraria, Campinas.

Porto Alegre.

Livraria Universal Carlos Echenique.
Agencia Cosmos.
Livraria Americana.
Fructuoso Fontoura, 4, Praça da Alfandega.

Rio Grande do Sul.

Albert C. Wood, S. Foo de Paula Cimo de Serra.
Livraria Americana, Pinto & Cia.
Meira E. Cia. Livraria Commercial.

Curitiba.

J. Cardoso Rocha, Rua 15 de Novembro.

Goyaz.

Alencastro Veiga, Rua do Commercio.

Minas Geraes (Bello Horizonte).

Casa Arthur Haas.
Rua de Bahia, no 784, C. Postal No. 2.

O TUFÃO DESTRUIDOR

A DECISÃO DA AMERICA. O QUE SIGNIFICA

POR HALL GAINÉ.

O MUNDO civilizado esperou com ancie-
dade pela decisão da America e agora
que ella veiu, o mundo a recebeu como
uma victoria para a especie humana.

Que significa isso?

Significa que depois de muitos mezes de
uma paciencia sem exemplo, começando com
o torpedeamento do *Sussex* e terminando com
a quebra do tratado que se firmava nesse
ponto, que a America viu que era inutil con-

a America abandana a companhia de uma
potencia a qual, tendo chegado á conclusão
de que já não é formidavel como soldado,
assumiu francamente o papel de assassino.

Finalmente, isto significa que, contrario a
estreita interpretação da doutrina Monroe pela
a Alemanha, a America não é meramente
uma expressão geographica, e que sempre,



Soldados britannicos construindo o seu proprio
subterraneo na vanguarda occidental



Um cavallo do exercito britannico transpor-
tando bolas impermeaveis para as trincheiras
do Somme

tinuar a tratar com uma nação que não co-
nhece a santidade da palavra de honra.

Significa que no mais tremendo conflito
moral que a historia humana, entre as leis
da Humanidade e os impulsos da barbaria,
a grande Republica dos Estados Unidos, fiel
às sublimes tradições que a levou, á custa
de tremendos esforços a libertar os escravos,
lançou o peso da sua poderosa influencia do
lado do direito.

Significa que as leis da humanidade são
immutaveis, e que ellas não devem ser des-
truidas pelas ordens de um Estado, que,
nascido e creado num meio de violencia,
decidiu attingir os seus fins militares, sem
compaixão e sem escrúpulos.

Significa que a orgulhosa e valente nação
recusou-se a limitar a sua liberdade de modo
a engrandecer os abusos de outra nação.

Significa que as leis marítimas, que durante
duzentos annos, pelo menos, foram reco-
nhecidas por todos os paizes civilizados não
devem ser postas de parte pela vontade de um
governo que deseja roubar com impunidade
e massacrar sem penalidade ou escrúpulos.

Significa que enquanto este terrivel drama
de guerra actuar no theatro moral do mundo,

onde estiver um americano, estará a America
e que sua patria está preparada para defende-
o contra os ataques de bandidos, quer em terra,
quer no mar.

Se a ruptura das relações diplomaticas com
a Alemanha vier, em razão da proxima
attitude do inimigo, lançar a America na
guerra (do que Deus a defenda) os Estados
Unidos saberão que é porque um poder bar-
baro os assaltou, e que elles precisam de
combater, ou, como um povo civilizado, morrer
—morrer pelo respeito proprio a pela honra
que até hoje tem mantido no seio da familia
humana.

No dia em que o conde da Bernstorff deixar
as plagas americanas, a America saberá
que o Destino a collocou na posição de lutar
pelas unicas coisas que vale a pena viver—
liberdade e humanidade.

E nesse dia o mundo inteiro, incluindo o
dos inimigos da especie humana, saberão
tambem que a America é uma nação unida,
com um só objectivo, uma esperança, uma fé
e uma voz. "Assim, disse Nosso Senhor
Prestae attenção! Eu farei cair um tufão
destruidor sobre a Babilonia e sobre os que
habitam no centro dos que me fazem guerra."

Da Pall Mall Gazette



Na vanguarda occidental Um subterraneo dos allemães onde tinham os deposito de munições

NOTAS DO DIA

PARA o povo da Inglaterra a ruptura das relações diplomaticas entre a America e a Alemanha, com todas as consequencias que della possam advir immediatamente ou no proximo futuro, largamente compensa qualquer augmento de perigo ir-corrido pela nova campanha de submarinos.

Os meios adoptados não são novos nem causam surpresa, accustomed como estamos aos barbaros ataques da Alemanha, que nunca respeitou neutros ou sequer a humanidade.

Os methodos do presidente Wilson talvez houvessem mystificado os diplomatas allemães, os desorientando; entretanto, os da Inglaterra, cujas tradições pôde-se dizer se reflectiram tão brilhantemente na paciencia e polidez com que foram tratadas as primeiras notas do Mr. Wilson, e igualmente a ultima que enviou aos aliados, bem caracteristica da dignidade e do firme proposito do presidente dos Estados Unidos.

Se esta maneira de agir é desorientadora para o cerebro allemão, só pode ser porque a sua mentalidade está tão habituada ás peculiaridades do seu proprio meio e de suas manifestações, a ponto de o tornar incapaz de estabelecer differença entre formas de civilidade e symptomas de temor.

Faz lembrar uma phase da guerra, quando a Inglaterra foi severamente criticada pelo incuravel habito de sempre depreciar o seu valor, dando occasião a que os seus adversarios, pouco perspicazes, acreditassem que o seu poder militar era não só muito limitado, mas, até desprezível.

O mesmo, aparentemente foi, repetido, ou está prestes a ser repetido no caso da America. Se a Alemanha se lembresse que a maior parte dos americanos, em temperamento, se assemelha muito aos ingleses, teria talvez evitado o passo errado que deu. Excepto pela attitude que as nações neutras possam adoptar, o acto violento da Alemanha não produziu grande sensação na Inglaterra. O povo deste paiz encara hoje tudo que diz respeito á Alemanha calmamente, com desprezo e scepticismo extraordinario. A sua unica preocupação neste momento é acelerar a victoria da sua causa e para o que todos os esforços da nação são applicados.

Promessas ou ameaças de estadistas allemães não mais são tomadas a serio, tendo perdido todo o credito no paiz. A prova real do valor de seus compromissos, repetimos, ficou gravada no historico *trapo de papel* e nunca mais poderá ser esquecido; quanto ás suas ameaças, se matassem, aleijassem ou intimidassem o adversario, a Inglaterra já teria sido posta fora de combate muitas vezes, durante os dois ultimos annos de guerra.

De certo, o proprio chanceller allemão ao atirar o seu ultimo golpe não teve grandes esperanças de quebrar o animo do povo da Gran-Bretanha. O que procura obter é—um alvo mais vulneravel—a susceptibilidade das nações neutras. A comprehensão deste facto é tão clara que, depois da exposição dos planos da Alemanha as vistas de todos se voltaram para a America, em expectativa. Realmente pela preocupação geral do povo, na parte que affecta os paizes neutros, poderia suppor-se que a Inglaterra não estava directamente envolvida no assumpto.

Alem do accentuado desprezo prevalecendo em todo o paiz pela nova campanha, existe a profunda convicção de que em primeiro lugar não apresenta novidade, excepto pelo maior circulo de acção que os seus submarinos abrangem; segundo, que a marinha britannica provará ser competente para enfrentar o inimigo e neutralizar a sua acção; terceiro, que o methodo adoptado com o fim de causar um resentimento universal, é um acto de desespero unicamente comparavel á raiva dos israelitas da antiguidade, que pela sua propria destruição acreditavam arrastar, no mesmo tempo com elles á ruina de tudo á sua volta.

A imprensa allemã já começou a avisar o publico contra a fatal desillusão da nova campanha, de triumphar desde o principio—signal

do desagradavel conhecimento do almirantado allemão, dos obtaculos já encontrados.

De facto, a phaze inicial da primeira campanha de submarinos, teve precisamente o mesmo curso. Primeiro, veio a habitual e pomposa declaração de que a queda do poder naval da Inglaterra estava proximo—seria conquistado dentro de quinze dias—segundo a opinião dos prophetas daquella epoca. Houve temporariamente uma suspensão do trafico marítimo das nações neutras, porem, de pouca duração, seguindo-se então uma rapida transformação—a absoluta confiança na potencia da marinha britannica para evitar o perigo e, finalmente, a relutante confissão ao povo allemão que tinha sido illudido, quanto aos

pratica, ha alguns mezes, para combater essa arma energicamente.

Insucessos nos ataques desta vez acarratarão maiores responsabilidades para os seus autores poderem se desculpar, visto que o governo da Alemanha lançou mão de processos illegaes, assegurando ao seu povo ser esse o meio mais facil de encurtar a guerra.

Assim diziam, tambem ha dois annos e por occasião de suas recentes manobras de paz, e, sem duvida, continuarão a repetil-o até que o seu povo, como o resto do mundo, finalmente se convença das falsas declarações que lhe são impingidas.

Resume-se que estes estimulantes dados periodicamente ao povo allemão, são necessarios para manter a confiança no governo, mas o efeito até hoje só tem sido desasturado.

Muitas pessoas ultimamente tiraram a conclusão que antes do presidente Wilson enviar a sua nota de paz, em dezembro do anno passado, havia recebido um aviso de caracter privado sobre as intenções da Alemanha de de arriscar uma guerra com os Estados Unidos.

Quem sabe se esta intenção teria passado pela mente do conde Juluis Andrassy, quando recentemente suggeriu aos que desajavam saber os termos de paz das potencias centras, que se dirigissem ao presidente Wilson?

Se assim foi, a pilhéria não podia ser mais sarcastica. E' quasi certo que Mr. Lansing tinha conhecimento da affronta contemplada pela Alemanha quando causou grande sensação em Washington, ha algumas semanas, referindo-se as probabilidades de uma guerra entre a America e a Alemanha. Embora a importancia desta phrase houvesse sido immediatamente negada, agora, que conhecemos as particularidades do caso, não deixa de ter uma grande significação.

Se aceitarmos mesmo a hypothese do presidente Wilson saber antecipadamente das intenções da Alemanha, deve reconhecer-se que elle habilmente procurou evitar as accusações que a lhe faz hoje pela sua conducta, apresentando se na hora da crise, perante o seu paiz, como um estadista que trabalhou até ao extremo para evitar a guerra mesmo com risco de parecer aprovar a pouca engenhosa interpretação da Allemana sobre a "liberdade dos mares."

E' bem caracteristica da Alemanha a retribuição dos bons serviços prestados em seu favor pelo presidente dos Estados Unidos. Como todas as outras nações, a America hoje sabe perfeitamente o valor que tem as expressões de von Tirpitz, com relação ás innocentes phrases do presidente Wilson.

Nas pretensas justificações da Alemanha, havendo sido feitas referencias ás represalias de submarinos pelo apertado bloqueio estabelecido pela Inglaterra, não será fóra de proposito lembrar novamente a sequencia dos acontecimentos: Devido á sua posição geographica, a Alemanha no principio da guerra gosou da vantagem de não poder ser fortemente bloqueada, pelos principios então observados. Não sabendo tirar proveito da situação que tanto a favorecia, começou a quebrar estes principios por um bloqueio á Gran-Bretanha, com minas lançadas indiscriminadamente. O governo britannico respondeu com o bloqueio do mar do Norte—excepto em certas rotas especificadas—uma medida geralmente reconhecida de tanta utilidade para os interesses dos neutros como dos aliados. Em seguida, os allemães começaram a sua primeira campanha de submarinos contra navios mercantes e de passageiros, e só então é que a Inglaterra declarou o bloqueio effectivo, que sobre repetidas provocações tinha sido cada vez mais apertado, entretanto, agindo sempre em todos os pontos de perfeito accordo com o commercio dos neutros. Desde a primeira até á ultima phaze, vê-se que bloqueio foi occasionado pela fraqueza moral e erros da politica e organização militar da Alemanha.



Um telegraphista concertando os fios de comunicação em Monastir

recursos e competencia do seu formidavel inimigo naval, tornando-se necessario procurar outro meio para romper o bloqueio.

Se as successivas phazes de esperança, desillusão e humilhação para a Alemanha vão ser repetidas na actual campanha de submarinos, com o mesmo inexoravel resultado da primeira, brevemente o veremos.

Pessoas bem informadas neste paiz não teem a menor duvida sobre o successo da marinha britannica para evitar o perigo de submarinos allemães. Confiam na efficacia das medidas adoptadas por Sir John Jellicoe que, conforme Mr. Asquith ultimamente informou o publico, começaram a ser postas em

A RESPOSTA DA INGLATERRA



Official Photograph

Obuzes em quantidade para punir os piratas. Na segunda photographia vê-se S. M. Jorge V. inspecionando uma das fabricas de munições da Inglaterra. Ao seu lado, está Lord Derby, o ministro da guerra.



Alegres Tommies, de Londres depois de um dia de marcha na Macedonia

O BRAZIL PELOS ALLIADOS

UMA IMPONENTE MANIFESTAÇÃO FRANCO-BRAZILEIRA

QUERENDO prestar ao senador Irineu Machado um testemunho de gratidão pela nobre attitude que assumiu como deputado federal do Brazil, fazendo passar no parlamento do seu paiz, em 8 de agosto de 1914, uma moção que constitue o unico protesto official de uma potencia neutra contra a violação do direito internacional, a associação *France-Amerique-Latine* e a *Ligue Maritime Française* organisaram, ha pouco, em Paris, um grande banquete, presidido pelo snr. Nail, sub-secretario de Estado.

Da parte da associação *France-Amerique-Latine*, uma tal iniciativa está plenamente justificada pelos factos que todo o mundo conhece: o senador Irineu Machado sendo presidente da *Ligue Maritime Brasileira*, a participação da *Ligue Maritime Française* não era menos justificada.

O illustre politico brasileiro que não hesitou em tornar-se interprete dos verdadeiros sentimentos de sua nação no principio da guerra, no momento em que a incerteza levava os neutros a suffocar a reprobvação que lhes inspirava o barbarismo e a falta de senso moral dos allemães merece bem que os francezes mais qualificados viessem com a sua presença dar um testemunho de gratidão e reconhecimento ao autor da moção de 8 de agosto de 1914.

Basta apenas lançar a vista sobre a lista dos convidados para nos convertermos da importancia desta manifestação em honra do senador Irineu Machado e do Brazil, amigo da França. Entre a numerosa assistencia contavam-se os Exmos Snrs:

Nail, sub-secretario de Estado da marinha mercante; Painlevé, antigo ministro; Ch. Richet, da Academia de Medicina; Rouché, director da Opera; Paul Doumer, senador e antigo ministro; Rondet-Saint, director da *Ligue Maritime Française*; Conde Blois, tenente naval, representante do ministro da marinha; Barão Frédéric Portalis; Edmond Claude, administrador e director do *Credit Foncier du Brésil*; René de Chavagnes, director da Federação; Edouard Clunel; George Hersent; Millerand, antigo ministro; E. Rousseau, conselheiro de Estado; Buchard, contra-almirante; Goiran, senador; Barão Anthouard, ministro plenipotenciario; L. de Lalande antigo ministro da França no Rio de Janeiro; Paul Adam, presidente da *Ligue de la Fraternité Latine*; Louis Barthou, antigo presidente de conselho, etc., etc.

Com uma facilidade que causou admiração a toda a assistencia pela maneira atica e brilho com que falava a lingua franceza, o snr. Irineu Machado fez esta imponente manifestação franco-brasileira pronunciando um eloquente discurso que abaixo reproduzimos.

DISCURSO.

Senhor Ministro, meus Senhores. **Q**UE as minhas palavras sejam de gratidão para o Governo francez, para o comité *France-Amerique-Latine*, para a *Ligue Maritime Française* e para a *Ligue de la Fraternité Intellectuelle Latine*.

Estou profundamente reconhecido pelos elogios e votos dirigidos ao Brazil pelo snr. Senador Paul Doumer, Presidente do Comité *France-Amerique-Latine* tão admirado em França quanto é estimado entre nós pelo seu alto valor moral, talento e saber.



Tropas inglesas deixando as trincheiras da vanguarda, cobertas de neve

O snr. Deputado Millerand, que é uma das mais brilhantes figuras do parlamento francez e cujo nome tem, desde ha muito, transposto as fronteiras de seu glorioso paiz, pronunciou, na sua qualidade de presidente da *Ligue Maritime Française*, "palavras de fraternal acolhimento e muito benevolas a meu respeito. Quero considerá-las como um testemunho de sympathia, e os meus collegas da *Ligue Maritime Brasileira*" as registrarão com o mais vivo prazer, como estimulo vindo de um homem de Estado de tão larga reputação pelos seus serviços pres-

tados á causa operaria, á humanidade e á grande causa da defeza nacional.

O snr. Paul Adam, em nome da *Ligue de la Fraternité Latine* revelou mais uma vez, com brilhante arte, os dons do seu espirito todo empregado de hellenismo, fazendo um elogio ao Brazil, glorificando a raça latina da qual nós somos a mais poderosa representação. As suas palavras ecoarão profundamente nos corações dos brasileiros e, em resposta ao seu gesto amigo, fazemos votos pelo successo da bella iniciativa que tomou a peito para levantar, o mais cedo possivel, em Paris, o monumento consagrado á glorificação do "Genio latino."

Mas, o meu pensamento se eleva mais ainda ao escutar as palavras de amigavel acolhimento do Governo francez que são como a saudação da propria França, eloquentemente feito pelo snr. Nail, representante autorizado do Ministerio Briand, a quem estão confiadas as responsabilidades da defeza da França e da salvação da humanidade, nas circunstancias epicas e historicas que nos é dado assistir.

Levantando a minha taça em honra do Presidente da Republica Franceza, do seu Governo e dos Presidentes dos Comités aqui representados, posso afirmar ao snr. Ministro Nail que não são sómente as nossas idéas, mas tambem os nossos interesses que se confundem inteiramente com as idéas e interesses da França. A nossa industria, commercio, marinha mercante, imprensa, homens de Estado, numa palavra, o Brazil inteiro, nutre o ardente desejo de se libertar da immigração e mercadoria allemã.

Todos os nossos esforços se reúnem para expurgar das nossas relações commerciaes a produção allemã—sempre de mau gosto, qualidade inferior e imitação grosseira—e realizarmos assim contra o commercio e mercadoria allemã o nosso programma que exprime, para nós outros brasileiros, a mais premente de todas as nossas aspirações: a desinfeção a fundo do nosso mercado.

O vosso generoso, mas muito generoso acolhimento me enche de confusão.

Estou por isso profundamente reconhecido. Permitti-me, porem, que vos diga, que as vossas demonstrações seriam excessivas se ellas se dirigissem á minha pessoa; não as posso acceptar senão como depositario que as transmittirá em todo o esplendor de seu brilho, belleza e solemnidade á minha jovem e gloriosa patria e seu parlamento.

Quiz subtrahir-me a essas manifestações e obstinadamente o fiz, a principio, todavia, tive de me inclinar, diante de vossa decisão, quando me annunciasteis a intenção de testemunhar á Republica Brasileira a vossa sympathia, estima e gratidão. Ajoelho-me diante do altar da Patria franceza para repetir convosco a prece da nossa fé commum e prestar o juramento solemne de que se estreitarão cada vez mais os laços de amizade ininterrupta que une os nossos paizes na mais solidá de todas as communhões, a da aliança indestructivel creada por affinidades ethnicas e moraes, e pela completa identidade de sentimentos, aspiração e ideal.

Francezes e brasileiros, nós temos o orgulho do sangue latino que corre em nossas veias e faz palpitar eternamente nos nossos corações o mesmo amor pela justiça e liberdade.



Uma turma de ingleses na vanguarda occidental transportando chaminés de fogões passam por um forte cauído enterrado na neve

E' para nós brasileiros uma fortuna inestimável que a nossa existência de povo livre e nação independente tenha nascido sob os auspícios da mentalidade e civilização franceza.

Tudo o que possuímos, é o quinhão que nos coube na prodigiosa partilha dos benefícios espalhados pela França no solo de todas as nações.

" Tu donnas à celle-ci ton or,
" A celle-là ton sang, à toutes la lumière."
Foi sob a inspiração do ideal francez que tentamos dar os primeiros passos vacilantes no tempo em que eramos uma simples colonia.

Os nossos primeiros martyres, os nossos primeiros apóstolos, soffreram e morreram pelas lições de liberdade com que o pensamento francez tinha illuminado os escriptos dos philosophos e as cadeiras das universidades.

Aprenderam de vós, em França, o catholicismo dos direitos do homem e a liberdade dos povos.

Aprenderam de vós a acalentar os primeiros sonhos de ideal e a balbuciar os seus primeiros cantos de amor; entoaram convosco as primeiras estrophes dos hymnos da liberdade, ao declinar deste seculo, em que as vibrações da "Mar-seillaise" enchem o espaço sob todos os céos luminosos, por cima de todas as montanhas e mares.

Nos idyllios dos poetas da Conjuração, a "Arcadia de Minas" canta a magestade de nossas paisagens e as maravilhas da nossa natureza, onde o Creador imprimiu por toda a parte o selo da liberdade. Os seus soluços exprimem as tristezas do captivo, este fala à alma das multidões ainda virgens, accorda os echos de nossas florestas gigantescas, emquanto que a mão callosa do carrasco estrangela na garganta dos supplicados os sarcasmos de Voltaire e as palavras de revolta de Rousseau.

No espirito de nossos precursores arde a chama da liberdade bebida nos altares das universidades francezas; atravessa-o o sopro de independência que ateia a revolta em toda a America, esmigalha as cadeias dos escravos, dá aos habitantes do continente de Cristóvão Colombo a posse dos direitos civis e politicos, permite às nações novas o exercicio de sua soberania e garante-lhes um lugar entre os povos cultos e emancipados.

Filhos do Novo Mundo, nós devemos á civilização franceza a declaração dos direitos do homem, o reconhecimento do principio de igualdade diante da lei e a fixação dos direitos patrimoniaes nesse monumento de justiça e de sciencia que é o Codigo Civil, com o qual o Codigo de Justiniano só pode rivalizar através das idades, para partilhar dos louros e glorias.

Desde então, em tudo e de todas as partes, as nossas leis e organização, vão reflectindo, como o crystal de um espelho, a imagem da inspiração franceza.

A nossa constituição imperial adoptando a formula de Benjamin Constant, creou o poder moderador, concepção puramente franceza.

A nossa monarchia é uma democracia, com um imperador que reina e não governa. As garantias constitucionaes, as attribuições do Poder Publico, os detalhes do nosso systema constitucional, a pratica do regimen, tudo denuncia, a cada passo, a nossa origem latina e filiação politica e espirital.

Do mesmo modo que todos os outros povos livres, o Brazil volta a roda da França que é o grande sol da liberdade, o centro de calor, de luz e de movimento do systema democratico.

As nossas agitações, convulsões, transformações, politicas mostram, entre nós, as etapas do progresso francez.

A evolução faz germinar as inspirações, cria, amplifica, eleva o ideal, enflamma os corações, reúne as consciencias, inquieta as almas, dirige os povos e então, nós outros, como o mundo inteiro, seguimos o sulco da radiosa França nesta agitação que não é, em realidade, senão a sua sede de renovação e de progresso.

Eis, Senhores, toda a razão da extraordinaria influencia e supremacia moral que assegura á França a sua hegemonia no mundo moderno e contemporaneo.

Eis, Senhores, a causa profunda e essencial da guerra actual, e é alli igualmente que está o fundamento sobre o qual repousa o nosso dever para com os defensores da civilização.



Uma das novas howitzers de seis polegadas fazendo fogo

Francezes e brasileiros, todos nós bebemos a nossa vida nas fontes da mesma civilização, e a causa por que se batem nas margens do Marne, nos fortes de Verdun, os soldados de Joffre e de Nivelles, é a causa dos brasileiros dos americanos, de todas os homens livres e de todos os povos que não estão empenhados na obra de destruição e de extermínio da civilização occidental.

Se as nossas origens e causas são communs, se conservamos uma mesma unidade de pensamento e de ideal, devemos fatalmente concluir e, com effeito, concluirmos, pela nossa conduta na vida internacional um pacto sagrado de amizade eterna, semelhante a uma linha recta que, partindo do mesmo ponto de origem, irá

atingir, sem se desviar, os mesmos destinos e fins.

E este predomínio intellectual e direção moral são a causa eterna do desespero, da inveja, da loucura e das allucinações de que são preza os povos brutos e a combatem.

E porque, Senhores, não tem a França declinado? Porque não tem envelhecido? Porque não se tem exgotado?

Francez, o divino Verhaeren, traçou, em dois versos immortaes a, synthese da vossa historia:

" C' est vous qui, dans vos mains, maintenez le flambeau.
" Que l' expirante Athéne a mis aux mains de Rome."

Todo o cyclo de gloria do passado e toda a vasta epopeia do presente resoam nas cordas frageis da lyra plangente do poeta, dessa lyra que cantou os gemidos dos campanarios da Flandres e recolheu as lagrimas de escravidão dos deportados da nova Síão.

Sobre o campo de batalha da Alesia, o sangue do vencedor mistura-se com o do vencido, e, da fusão dos dois povos superiores reconciliados, germinou o rebento verdejante que será mais tarde, em tudo e para sempre, a muralha levantada pelos Romanos para a defeza da raça latina contra a invasão germanica.

A republica romana resiste ao choque dos Cimbro e dos Teutões. Os barbaros renovam os seus assaltos contra o colosso Romano mas não conseguiram destruir, nem mesmo vencer os herdeiros do sangue de Cesar e de Ver-gingetorix.

Desde então esta raça vigorosa tem por missão divina salvar a continuidade ethnica e historica da civilização greco-romana contra os assaltos de seus inimigos.

Desde então, através dos seculos continuou-se sem fim o esforço impenitente e a furia dos invasores contra as legiões que vão ser a egide da raça latina.

O Reno torna-se então, como o será em breve, como se tornará amanhã, a fronteira natural de nossa civilização e a trincheira inexpugnável de nossa raça.

Wotan será impotente para destruir os deuses de Roma. Nem as invasões violentas nem a infiltração surratera por meio da imigração pacifica lhe permitirão de atingir esse alvo.

Clovis começa por derrotar os allemães em Tolbiac, depois esmaga os Wisigodos em Vouillé. Em Poitiers, os soldados da civilização paralisam o avanço arabe e defendem as fronteiras da nossa raça contra esse contagio mortal com a mesma furia invencível que, nos campos catalunicos tinham resistido à onda asiatica.

O "Empereur à la barbe fleurie," os Chevaliers errants, os "douze paires de France" apparecem, envolvidos na poesia dourada da legenda. A lei religiosa associa-se ao sentimento da nacionalidade para levar os conquistadores além dos mares, e os cavalleiros franco-normandos, cantando os feitos de Roland, renovam com a sua espada fulgurante os mo-nhos heroicos de Durandal.

No campos de Hastings, o sangue dos vencedores mistura-se ao dos vencidos e fecunda a terra britannica. Aqui, a alma ingleza une-se para sempre á da França e cria esse liame de serena coragem, de honra inviolada, de cortezia requintada e de *panache* sem ostentação que caracteriza o physico dessa raça bem equilibrada, na qual o frio nebuloso dos gelos do Norte se combina com a flamma ardente do *spiraculum* latino.



Ambulancias da Cruz-Vermelha no meio da neve aguardam ordens

Gesta Dei per Francos! e os cruzados no fervor íntimo da sua fé, de joelhos em terra, reclinam as suas almas aos pés do Senhor. A luta entre os cavaleiros cristãos e os inimigos da Fé não é somente o antagonismo de religião que arma o braço dos soldados da Cruz. O Christianismo é a mais preciosa joia do escritorio latino.

E assim, a lei immanente do seu destino e a fatalidade irresistível conduzem a França a novas expedições contra a fúria impetuosa dos turcos, os bárbaros do Islam, que destroem o imperio de Bagdad e atacam a Terra Santa. A França vò, victoriosa, á defeza da nossa raça e, neste duello de morte, o mundo bárbaro e a civilisacão occidental encontram-se face a face.

A medida que se accentua o seu espirito de nacionalidade, ella se retempera ás chammas do fogo sagrado e, finalmente, resurge, unificada e forte, levantando-se como um so homem, quando Henrique V, imperador dos bárbaros da Alemanha, tenta a ultima invasão da Champagne. Deste então o sceptro de sua realza moral nunca vacillou nem vacillará mais nas suas mãos. Pela milagre da Fé, ella sahio triumphante da guerra dos Cem Annos. Joanna d'Arc salva a França; ella sobe com serenidade sobre a fogueira e convida os seculos a novos milagres. As cinzas vão-se transformar em bronze. As chammas do martyrio mudarse-hão em braços de flores, representando aos pés da *Pucelle* de Orleans as deputações da Nova Inglaterra, cantando a missa da união sagrada, os corações trasbordando de amor.

Dos ultimos clar-es da Idade Media até á Renascença, a França é o astro-rei que conduz os homens e os povos, e o Grande Seculo marca o zenith da riqueza, do poder, da bravura, do esplendor e da gloria!

Eis o desfilir dos *Pieds-nus*, dos *Sans-Culottes*, dos *Grogards*.

A França é o paladino da redempção humana. Os Voluntarios do Anno II. declaram a guerra ao mundo inteiro e, "*c'était en chantant qu'ils allaient au combat.*"

A França agita uma vez mais o facho da civilisacão e atea os clarões da grande revolução:

"Elle avait on ne sait quelle ardeur fraternelle,

"Allant de peuple à peuple incendier les voeux.

"Le jour où tous les Rois furent ses ennemis,

"Vingt peuples exaltés par Jemmape et Valmy

"Crurent voir resurgir Platée et Salamine."

Rochambeau e Lafayette atravessam o Atlantico. No Novo Mundo vellam os soldados da França, "le but français étant le but humain."

Levanta-se a aurora deslumbrante da democracia. Num e noutro continente, o espirito francez domina o mundo inteiro.

A Bastilha e o throno ruem.

O homem é livre. O povo francez é o rei soberano. Goethe exclama: "*Une ère nouvelle s'ouvre dans l'histoire.*"

A França é livre? Bem, todos os outros povos serão igualmente livres.

Guerra! Guerra aos reis e aos tyrannos do mundo inteiro.

E eis que, em meio desta apothecose, se levanta um astro novo. A gloria de Dumouriez empalidece e desaparece num crepusculo.

A aurora do genio militar resplandece. O sol de Austerlitz illumina o horizonte da historia; o carro de Apollo passa em Marengo e Napoleão exclama: "*Partout où flotta le drapeau français, une grande cause le précède et un grand peuple le suit.*"

O seculo que expira, conheceu os direitos do homem e ouviu as apostrophes de Mirabeau.



Uma praça britannica, na vanguarda, aproveita a momento de descanço para limpar a arma

O seculo que nasce, vê surgir o problema das nacionalidades.

Os herdeiros dos Cimbricos e dos Teutões nunca foram os depositarios da Arca Santa e das Taboas da Lei.



Os fieis animaes dos "Tommys" são forçados a beber agua gelada

O sangue latino partilha das responsabilidades da civilisacão entre os vencidos de Alesia e os vencidos de Hastings.

Mutilada, a França refaz-se rapidamente do desastre de Waterloo, tão depressa quanto se havia feito da devastação da guerra dos Cem annos.

A França é vencida? . . . Mais uma vez ainda um novo dogma é confiado ás luzes do seu genio triumphal: o principio das Nacionalidades. Por este dogma, ella sustentará a causa dos proprios allemães; cae ferida sob os rudes ataques da Colligação e da Santa Alliança; por este dogma retoma o escudo de Achilles; soccorre a Grecia de Ulysses e de Pericles, conserva-lhe a Thessalia e da-lhe Creta. Sob os muros de Anvers salva a autonomia da Belgica. Nas montanhas da Servia consagra o Rei-pastor.

A França corò a frente de Leonard de Vinci e lança mão do gladio de Cesar. Acalenta durante tres seculos os sonhos de Francisco I. E, enquanto que as chammas do Etna chegam até ás estrellas, o genio de Virgilio canta sobre a lyra de Dante e chora nos versos de Leopardi o mesmo hymno de Redempção. Magenta e Solferino sacodem o somno de pedra da *Noite* de Miguel Angelo. A patria de Garibaldi é livre, a Italia do Cavalleiro Errante da humanidade é libertada.

Italia, tutta rijatta, tutta redenta.

A aguia franceza caiu, fulminada. De Berlim até Vienna resou o grito de "*Finit Poloniae.*" A aguia franceza levanta-se; as suas azas potentes apparecem de novo no céu; e os ecos da historia repetem ao cabo de um seculo, o grito do grande Imperador Polonia, tu es livre. Russia, tu es dou as bellezas, as delicias e as maravilhas do Mediterraneo; mas part e esmigalha immediatamente e para sempre as cadeias da Polonia.

A bandeira tricolor da "*Insolente Nation*" levou a idéia franceza aos quatro cantos da terra e "*fez a volta ao mundo com o nome, a gloria e a liberdade da Patria.*"

Voluntarios do Anno II, *Grogards* do Grande Armée, joelhos em terra! Apresentae armas! Eis outros heroes maiores ainda. São os heroes do Marne, do Aisne e do Yser que passam! A loucura furiosa do pangermanismo reduz-se a pó.

"*Le jour de gloire est arrivé.*"

Todas as imitações grotescas da civilisacão occidental caem por terra: nada de panslavismo! Basta de pan-americanismo!

Eis os defensores das pequenas nações, os soldados dos povos fracos! Eis as legiões do direito das nacionalidades, os cavalleiros da justiça e da humanidade! Eis o exercito da raça latina, a muralha de bronze da nossa civilisacão!

Silencio! os nossos corações exultam! As nossas almas se prostam. Eis os descendentes da Legenda! Eis os filhos da Epopeia: são os soldados da França, são os *poilus* de Verdun!

Os ecos desta bella manifestação irão direitos ao coração dos brasileiros, porque elles comprehenderão que a homenagem prestada ao senador Irineu Machado constitue um tributo de gratidão que a França dirige tambem aos que se mostram atristados pelas más noticias e não dissimulam a sua alegria pelas victorias francezas.

E'por isso que, festejando o senador Irineu Machado, o comité *France-Americque-Latine* e a *Ligue Maritime Française* quizeram dizer a esses brasileiros, amigos sinceros da França: Obrigado.

O ESTUPENDO ESFORÇO DE UMA GRANDE NAÇÃO PARA DEFENDER O MUNDO.



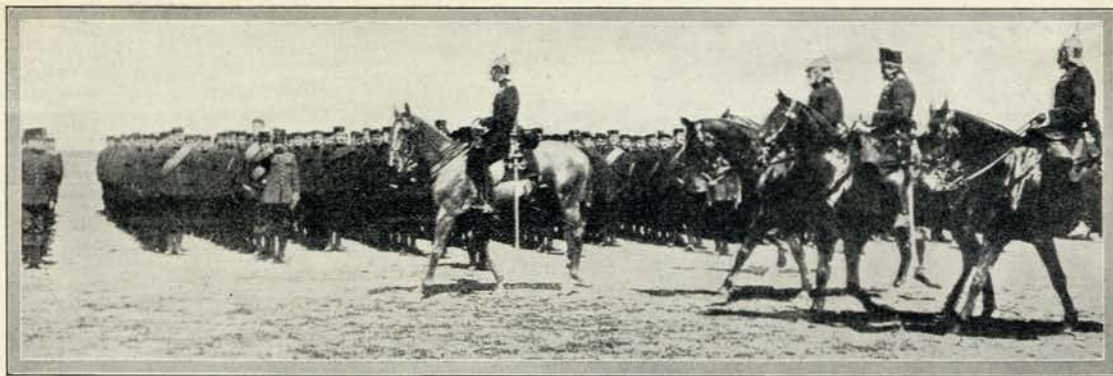
A INGLATERRA ERGUE-SE E PRODUZ: A UNICA GARANTIA DE PAZ.

Official Photographs.

1—Uma trincheira, coberta de neve, na vanguarda ocidental.
2—O bello sexo ajuda a conquista, trabalhando em carpintaria, para o exercito

3—A longa fila de canhões do exercito inglez atravessando a zona de neve no norte da França e dirigindo-se para as linhas de combate

4—Imponente stock de obuzes numa das fabricas de munições da Inglaterra, onde lhes collocam os explosivos. O edificio cobre uma superficie de cerca de 38,500 metros quadrados



O rei da Espanha passando revista às suas tropas

AO CLARÃO DOS OBUZES

POR MARIO SETTE.

Edith Cavell.

Para o Dr. Medeiros e Albuquerque.

ELLA olhara pela primeira vez, dentre as rendas do berço, o sol da Albion envolto na sua eterna *fourrure* de brumas. Nasceria inglesa, na terra da severidade fleumática conjugada aos ditames da honra herdados dos ancestraes.

Filha de um vigário anglicano, exemplo de austeridade, bebera o nectar da caridade e da abnegação dos princípios paternos a reproduzirem no lar sempre casto e simples a ventura humilde do Nazareno. Crescera assim: singelamente boa, sem atavios de vaidade nem cuidados pueris. Quando foi da escolha de uma profissão, porque o *home* era parco de proventos tanto quanto era opulento de virtudes, ella, Edith Cavell, ao envez de preferir um lugar calmo de dactylographista ou pouso commodo de governante, escolheu o labor, talvez o mais nobre, porém o mais modesto e estoico: o de enfermeira.

Um dia, na piedosa cruzada a que se votara, atravessou a Mancha, deixou as pellicias de nevoa da sua terra bem querida, installou-se em Brussellas, na ridente colmeia belga, ainda então jungida ao trabalho são e placido, sem sonhos de outras conquistas, confiadamente amparados nos fechos rubros de lacre das chancelas de cinco potencias a assegurar-lhe a independencia num tratado.

Na altruistica tarefa de sua vida fundou uma escola de enfermeiras, uma escola de *anjos de caridade*, derramou o Bem, o Conforto, o Consolo á cabeceira de todos os enfermos e de todos os agonisantes.

Quem lhe poderia querer mal? No paiz dos wallões e dos flamengos, como no da sua patria, tinha a reverencia de um gesto de religião e pronuncia doce do seu nome: Edith Cavell!

Mas veiu a guerra e, peor do que a propria guerra, vieram os prussianos, Belgica a dentro, conquistando, incendiando, talando; no seu passo duro e largo a arremessar contra os tratados e contra as gentes.

Edith Cavell despiu a sua blusa simples para revestir a tunica branca de dama das ambulancias militares, collando ao seio o symbolo humanitario da cruz de sangue, acamando os seus cabellos de um louro desmaiado sob a alva coifa e, tomando o veio da caridade, cuidou dos feridos que chegavam aos salões sombrios dos hospitaes, soldados da Belgica, da Britania, da Gallia, da Germania.

Para todos, ella teve o mesmo penso, mesmo os que traziam as mãos tintas de invasores sem commiseração.

Edith Cavell amava a sua terra de nascença, essa Albion soberba e admiravel cuja cintura de açoões coraçoados, alçando o pavilhão de S. Jorge, havia bloqueado os oceanos, dando passaportes aos nautas dos cinco mundos; amava essa Inglaterra patriótica e nobre que arremettera milhões de seus filhos para defender, nas trincheiras, a liberdade de um povo fraco, garantida pela sua solemne chancela.

E como queria á sua terra, um dia deixou transportar a fronteira, alguns compatriotas avidos de se ir bater.

O olhar de rapina do invasor estava alerta — Edith Cavell foi presa; encarceraram-na em Saint-Gilles, prisão militar, numa cellula de segredo.

Negaram-lhe um advogado; o patriotismo não tem defeza para os que não são victimos. Um official, rispido, rude, de largos olhos de ouro velando o centelhar tigrino dos olhos, inteirou-a.

Miss Cavell confessou. Cumprira o seu dever de filha dedicada da altiva Grã-Bretanha. Que importava o resto? Morrer? A morte tantas vezes vista nos hospitaes já lhe não parecia estranha nem horrivel.

Nem a sua dedicacão de enfermeira, nem o seu exemplo de heroína, nem a doçura do seu semblante, nem a virilidade de suas maneiras, nem a coragem do seu civismo, nem a alçada de Von Bissing.

Numa madrugada, retalhantemente fria, levaram-na ao pequeno jardim da prisão, entre canteiros de margaridas brancas e rosas rubras. Um sacerdote prussiano falou-lhe de Deus — não do Deus que o velho vigário anglicano lhe ensinara paternalmente a cultuar: humilde, bondoso, sempre a perdoar. Falou-lhe, sim, do Deus germanico, bellicoso, cruel, rectificando pontarias de canhões contra cathedraes e de luzes contra parochos.

Um pelotão esperava-a. Em frente das armas ella repeliu dos olhos o trapo negro com que tentavam vendal-os.

Silencio dos crimes. Uma descarga. Edith Cavell tombou, com o coração sangrando, sobre os canteiros de margaridas brancas e se rosas escaletas.

Adeus.

Aos filhos da França que, deixando as suas tendas de trabalho em terras de Pernambuco, se foram pra o "front" defender a civilização.

EU tambem venho a vos dizer adeus, bravos.

Filho da mesma raça, irmão pela mesma lingua e pelo mesmo espirito, bebido na historia que vos fomentou o heroismo e retesou os musculos ante o adversario commum, aqui me tendes no debrum do caes, na nesga extrema de terra patria, saudando-vos num agitar nervoso de flammula alvadia, olhando-vos no convex do barco gaulez a derivar pelo turbillionar das vagas verdes aproando a costa dos bretões destemidos.

Eu tambem venho a vos dizer adeus, francezes. Deixando a saphira immaculada do nosso toldo sideral nesta manhã mordida pelo astro-flavo, trocando a quietude das nossas villas pelos campos enfumados e cruentos da vossa Alsacia conquistada, sois sempre os mesmos arrojados de Arcole, emulos de Desaix expirando encorajado em Marengo, irmãos intemeratos da velha guarda resistindo á derradeira carga de Waterloo.

Eu tambem venho a vos dizer adeus, heroes, Ide, batalhae, morrei, mesmo, sede, porém, dignos da vossa patria aureolada até ao agonisar. Si voltardes vencedores, vida poupada, eu estarei d' aqui a vos receber no communicativo arrebatado de triumphador tambem. A vossa causa é a causa latina, é a causa dos principios do oitenta e nove, cujo pedestal foi o sangue de vossos compatriotas golpeado do tablado da guilhotina sobre o solo da praça da Revolução.

Ide buscar as fleiras de vossos regimentos. Infante, retomae com animo o vosso fuzil. Couraçado, galgae resolute o dorso musculoso de vossa montaria. Artilheiro, acertae a pontaria de vosso canhão. Aviador, alae-vos para a peleja no remigio largo de vosso monoplaneo.

Ide, beijae por mim os panneamentos tremulantes de vossa tricolor gaulez.

Adeus. Pernambuco vos diz assim. Ide e voltae em breve para os reques calmos de vossos companheiros de trabalho.

Ide defender o berço de Hugo. Ide velar pelo somno de Zola.

Adeus!

A Bandeira.

Para os meus Hilton e Hoel.

FOI na Alsacia, nessa linda nesga de terra espartilhada pelos Vosges de grimpas muito azues, enrodilhada pelo fluir do Rheno rumoroso.

Era uma noite de inverno, uma noite de Natal, num dos solares fieis á tradiçãõ religiosa como á patria antiga, revivida sempre no crepitar intenso da esperança.

Em meio do salão, uma vistosa arvore de Noel atava a sua comica fronde verde, alongava os seus galhos enforçados de onde pendiam vellinhas, multichromas, bizarros bonecos, cubiçados brinquetes, deliciosos bonbons, todo rol de presentes suggestivos para os creanças, prendas de festas nos dias risinhos de nossas casas.

Encimando, coroando a copa da garrida arvore, dispostas artisticamente em entrelaçõs, adejavam minusculas bandeiras tricolores com a divisa: Viva a França!

Só este peminor era bastante para justificar a cautella tomada de trazer as portas do solar cerradas, como se alguma conspiraçãõ ali se ajustasse. Era preciso evitar os dominadores, porque para elles no terror das suas repressões, no barbaro de seus processos de naturalisaçãõ, a vista de um pavilhão gaulez — pallio de liberdade — é a mais subida das *altas traições*.

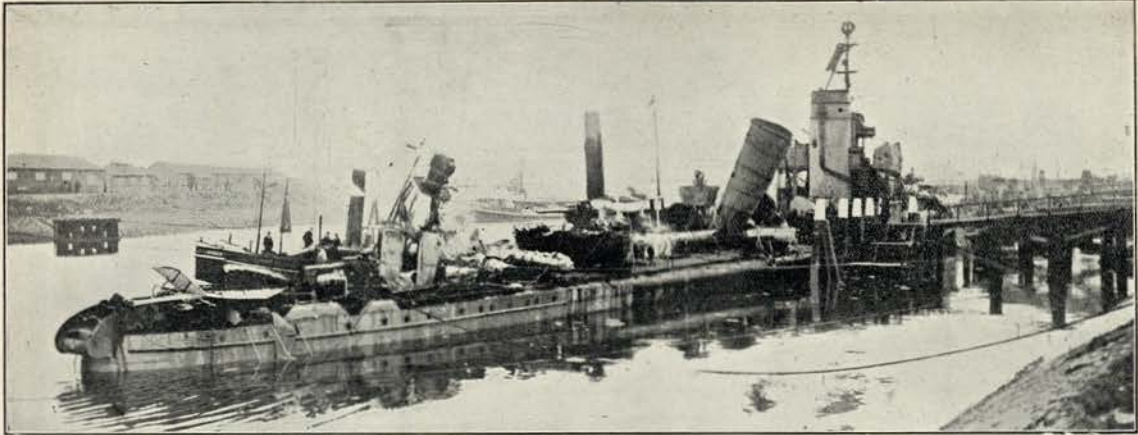
Dos arredores tinham sido chamados para a festa os pequenos pobres, filhos de campones, orphãos outros, todos rebentos desse povo humilde, valeroso, que vivia no amanho da terra muito calmo mas, em segredo, avivando o aneio da revanche, do retorno á Gallia gloriosa dos avoengos.

Pingentes da arvore baloçava-se toda a fascinaçãõ da infancia, desde os cavallinhos aos soldados de chumbo, dos automoveis aos trensinhos de ferro, das bonecas gracias aos *marrons glacés* appetitosos.

A escolha de uma prenda fazia vacillar. As creanças estavam-lhe em roda com os olhitos muito abertos, admiradas, hypnotizadas pela irradiaçãõ das luzes, pelo feerico da dardiva trazida pelo *papez Noel* aos pequenitos. Disse-lha que a cubica em possuir todos os brindes martellava aquelles cerebros pueris, aquellas cabecinhas louras-claras.

Entretanto, quando lhes deram permissãõ de ir buscar, de desprender das folhagens o *cadeau* preferido, viu-se uma scena inesperada, grandiosa emocionadora: Os petizes pobres — aquelles em cujos casabres nunca houvera maravilhas das que estavam vendo — desdenhando os brinquetes que lhes pareciam sonho, escolheram as bandeirinhas azul-alvi-rubras da França bem-amada, essa Terra falada pelos labios tremulos dos avós.

Que meus filhos, já aprendidos no distinguir em os livros de gravuras, de permeeio ás demais, a bandeira brasileira, aclamando-a com o modular das suas vozes ainda ensaladas quando a veem hasteada pelas ruas; que meus filhos dizia — porvindoutamente, como essas creancinhas alsacianas, saibam tambem, entre todos os deveres, escolher o de altear os seus panneamentos verde-ouro, enquanto nos pulsos latejar o nosso sangue.



Efeitos da artilharia britannica. O destroyer allemão V 69 completamente avariado, no porto de Ymuiden na Hollanda

COMO A ALLEMANHA TRATA OS EMBAIXADORES

MR. FRANCIS GRIBBLE, no *Evening Standard* relembra os tristes episodios occorridos na Alemanha, no começo da guerra, por occasião da retirada dos respectivos embaixadores e corpos diplomaticos das nações envolvidas no conflicto.

O momento é propicio para avivar a memoria dos que talvez já tenham esquecido esses factos, que tão bem illustram o caracter do povo que se diz hoje interessado pela humanidade.

O modo pelo qual o embaixador americano em Berlim, Mr. Gerard, foi tratado, não surprehenderá a quem conhecer os allemães e muito menos aos que tenham acompanhado no passado o seu modo de tratar os embaixadores e outros representantes diplomaticos.

Não só procederam peor do que os austriacos—que de facto, não são accusados de qualquer descortezia a este respeito—mas, procederam peor do que os bulgaros ou turcos. Ficou demonstrado que, sempre que uma occasião se offerece para boas maneiras em relações internacionaes, o prussiano age como um animal, em destaque.

O proprio embaixador inglez conta que a sua partida de Berlim, depois da declaração de guerra, foi effectuada comparativamente sem serias consequencias. A multidão quebrou as janellas de sua residencia, o Kaiser enviou-lhe um ajudante de campo com uma mensagem insultuosa, mas, que não foi de outro qualquer modo molestado.

Triste retribuição pela guarda de honra que saudou o principe Lichnowski ao partir da Inglaterra; mas, o seu procedimento para com o representantes diplomaticos, parece representar o mais elevado grau de cortezia prussiana.

O tratamento do embaixador francez foi muito diferente. Foi tão escandaloso que motivou Mr. Cambou enviar um despacho especial ao seu governo, ao chegar a Copenghan.

Não havia motivo para represalias por mau tratamento ao embaixador allemão, porque Herr von Schoen deixou Paris em perfeito conforto, em trem especial. Foi um caso deliberado por parte das mais altas autoridades allemães em serem grosseiras e rispidas.

A principio disseram a Mr. Cambon que seria enviado para a Austria, apesar de não ter a menor immundade diplomatica nesse paz, onde podia ser preso e internado, em razão da declaração de guerra. Essa decisão não foi levada a effecto, mas apesar de Mr.

Cambon ter desejado ir para a Hollanda, foi compellido a viajar atravez da Dinamarca; o conduziram num trem com as cortinas cerradas e as janellas fechadas, sob a guarda de soldados—um em cada compartimento occupado pela comitiva, conservava-se sentado, com um revolver carregado. Todos os membros da comitiva foram advertidos que, se movessem as mãos na direcção dos seus bolsos ou das suas bagagens, seriam fuzilados. Finalmente, como ultima affronta, informaram ao embaixador que não lhe seria permitido atravessar a fronteira sem primeiro pagar o dinheiro das pasagens da comitiva, e quando offerecem satisfazer a importancia com um cheque

protecção dos militares ou da policia allemã.

O embaixador só escapou illeso por se achar no carro do embaixador americano, mas os outros vehiculos que o seguiam foram atacados. Seus assaltantes não eram maltrapilhos nem gente baixa, mas da classe media e bem vestidas; homens e mulheres foram igualmente victimas da sua brutalidade.

O camarista Crapovitzki apanhou tal golpe na cabeça, que o sangue derramado encharcou dois lençoes. A princeza Beloselska, uma dama de origem americana, foi espancada pelas costas por um allemão bem vestido, enquanto um outro igualmente trajado cuspiu-lhe no rosto.

As creanças da comitiva tiveram de ser escondidas debaixo dos assentos dos carros para escaparem aos ataques brutaes.

Ultrages identicos foram dirigidos aos membros do corpo consular. O consul geral russo, em Leipzig, foi levado á estação policial e intimidado a partir dentro de meia hora, sem a sua bagagem. O consul geral, em Frankfort, esteve preso por cinco horas no salão de espera de uma estação de estrada de ferro, caminhou debaixo de uma chuva terrenal, acompanhado de cerca de cem compatriotas, para uma outra estação, e foi levado para Donaueschingen, onde disseram-lhe que tinha de dormir sobre palha. Os consules da França, Russia e Inglaterra, em Dantzig, foram detidos em Bentheim, na fronteira hollandeza, separados de suas esposas e filhos, collocados em cellas e alimentados a pão e agua, sujeitos exactamente ao mesmo tratamento dados aos criminosos, com os

quas foram alojados. A um desses diplomatas, doente, recusaram a visita de um medico. O consul russo, em Frankfort, foi levado perto de uma estatua da Alemanha e obrigado a tirar o chapéu e a prestar homenagem em presença da ululante e feroz multidão. O consul geral francez em Dusseldorf foi forçado a tirar a roupa para que lhe passassem vistoria, e a quantia de noventa marcos foi-lhe furtada nessa operação.

Honroso passado para uma nação considerada como civilisada! E estes factos são apenas uma pequena parte dos monstruosos crimes commettidos pela Alemanha; para relatal-os por completo, necessitariam innumerous volumes. Esta simples narrativa de certo não precisa commentarios; os ultrages nella contidos são sufficientes para trazer a maldição aos parias da civilisação que os perpetraram.



Peça de artilharia allemã capturada e que estava escondida debaixo da terra

de um banco de Berlim, disseram-lhe que somente acceteriam dinheiro.

Foi uma demonstração de vulgar e insolente avariza, da qual só um prussiano era capaz, e o facto causou tal escandalo no mundo diplomatico, que o dinheiro foi restituído atravez de um intermediario neutro.

Torna-se necessario acrescentar que, quando os membros da comitiva chegaram a Kiel, as damas da Cruz Vermelha allemã, raivosas, os insultaram, ameaçando-os de punhos cerrados, e uma dellas pegou num copo de agua que traziam para uma creança da comitiva e o atirou ao chão.

Não foram os francezes as unicas victimas. Enquanto elles estavam supportando esses insultos, os membros da comitiva da embaixada russa foram objecto de violencia physical, sem terem recebido qualquer



1—Maqueiros britannicos dirigindo-se para o seu humanitario trabalho 2—Um dos hospitais ingleses em Salonica, estabelecido num magnifico edificio

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

A CAMARA PORTUGUEZA DE COMMERCIO EM LONDRES

UM grande passo para o desenvolvimento das relações commerciaes entre Portugal e a Inglaterra. A formação da Camara devida aos esforços e bons trabalhos da Legação Portuguesa. O seu alcance no futuro.

Foi no dia 30 de novembro que alguns portuguezes illustres, representantes do commercio em Londres, se reuniram na Legação Portuguesa, sob a presidencia de S. Exa. o Snr. Dr. Teixeira Gomes para a formação da actual Camara.

No salão nobre da Legação, numa atmosfera tepida, rodeados dos carinhos e gentilezas que todos lhes dispensavam, esse grupo de portuguezes, fremindo em seu peito o amor da patria distante, sentia-se feliz pelo objectivo que ali os levava, e pela obra patriótica que tinha alfim a sua realização maxima após trabalhos quasi insuperaveis.

Mas, façamos um pouco de historia para que esta obra fique, como um monumento de impercível grandeza, a attestar o trabalho que a Legação Portuguesa neste gigantesco e operoso centro mundial levou a effeito, não obstante os revezes, os obstaculos e as difficuldades que teve de enfrentar e vencer.

Logo após a proclamação da Republica, o governo portuguez procurou, atravez de suas legações e consulados, intensificar a formação de camaras de commercio nos paizes onde a colonia fosse de tal maneira numerosa que lhe podesse dar vida e prestigio.

Assim, as primeiras e formar-se foram a do Rio de Janeiro e Zanzibar que ainda hoje existem e cujos beneficios são abundantemente auferidos pelos seus socios.

E' innegavel que uma camara de commercio, quando bem constituída e com uma direcção intelligente e activa, presta serviços inculcaveis a todos os que delles necessitam.

Em Londres estava tudo por fazer. O commercio entre Portugal e a Inglaterra era muito importante, firmas portuguezas usufruam nesta praça uma situação privilegiada, faltava porem, um traço de união que concatenasse todas as boas vontades e as fizesse convergir para o mesmo fim—Camara do Commercio.

Encontrou-se então a figura destacante do Snr. Dr. Pedro Tovar, illustre secretario da Legação, que poz ao serviço desta ideia toda a sua culta intelligencia e o seu trabalho valiosissimo.

Ao seu nobre appello os portuguezes de representação commercial e financeira responderam, e a obra da formação da Camara encontrou os mais tenazes defensores e a mais decidida boa vontade em todos.

Surge no entanto, a primeira difficuldade. Segundo as leis portuguezas as camaras de commercio no estrangeiro só

podem admittir como socios individuos pertencentes á colonia portugueza, e visto que a dita colonia era bastante pequena, necessario se tornava que os estatutos inserissem a clausula de que, alem de socios portuguezes, podessem fazer parte individuos de nacionalidade ingleza.

A questão, pois, foi posta em presença do governo portuguez que lhe deu uma solução favoravel. Todavia, para que estas negociações tivessem bom exito, muito contribuiu o trabalho do Snr. Pedro Tovar a quem não se pode regatear louvores ou incomios.

Finalmente em 1914 foram removidas todas as difficuldades e os estatutos inseriam a clausula de socios portuguezes e inglezes.

Outro facto que muito contribuiu para a

formação da Camara foi a Comissão Commercial Portuguesa que, em novembro de 1915, chegava a Londres, presidida pelo Snr. Carlos Gomes, de Lisboa.

Numa reunião magna que se effectuou em Londres, o assumpto foi largamente debatido, dando em resultado a formação de uma pequena comissão, composta dos Srs. Samuel Lears, L. Caroga e sob a presidencia do Snr. Dr. Tovar.

Essa comissão tinha por fim elaborar os estatutos sob as bases acima indicadas e do que cabalmente se desempenhou. Finalmente os estatutos foram aprovados em 24 de julho de 1916 e publicados no Diario do Governo em agosto do mesmo anno.

Estava pois, realisada a tarefa mais difficil, faltava agora obter socios e nomear a comissão que conduzisse os trabalhos da Camara.

Em virtude de uma intensa propaganda e grandes esforços conseguiu-se a colaboração de pessoas importantes no commercio e finanças que de boa vontade pizeram toda a sua energia e alto valimento ao serviço desta empreza.

Nunca será demais affirmar que todas as firmas portuguezas responderam ao appello que lhes foi feito, pondo de parte qualquer consideração de trabalho ou incommodo.

E assim, com o concurso de pessoas de tão grande prestigio, no dia 30 de novembro do anno de 1916, no salão nobre da Legação Portuguesa foi formada a actual Camara de Commercio e nomeada a Direcção seguinte:

Francisco Rodrigues Gomes, Presidente.
Samuel Lears.
Lucas Caroga.
Horacio H. Cradoso.
A. M. dos Santos.

A essa reunião, historica para os interesses commerciaes portuguezes, presidiu S. Exa. o Snr. Dr. Teixeira Gomes que pronunciou um bello discurso. Frizamos apenas algumas passagens, visto que nos é inteiramente impossivel inserir-o na integra.

Começou S. Exa. por agradecer a parceria de todos os portuguezes que, sacrificando commodidades pessoais, vieram alli testemunhar a formação dessa obra de grande alcance—como era a Camara de Commercio—e dar-lhe todo o calor de suas energias e todo o esforço de suas actividades.

Referindo-se ás difficuldades que houve a vencer, teceu grandes elogios á comissão que elaborou os estatutos e conseguiu a colaboração de todas as firmas portuguezas, bem como a boa vontade de outras firmas inglezas.

Sentia-se, pois, feliz por se encontrar rodeado por pessoas tão illustres no commercio e finanças e cuja presença



Dr. Pedro Tovar, illustre secretario da Legação portugueza em Londres



Sr. Francisco R. Gomes



Sr. Samuel de Lears

era a garantia segura do grande desenvolvimento que essa empresa teria em breve.

O futuro e o successo da Camara repousava na collaboraçaõ assidua dessas entidades e dependia dos esforços communs de todos. Por seu lado, o governo portuguez, sempre disposto a collaborar no progresso do paiz, promettera auxiliar a Camara do Commercio com um subsidio, subsidio que fora obtido por intermedio da Legação Portuguesa.

Mostrou em seguida as vantagens que todos teriam a lucrar com uma boa propaganda entre os portuguezes, não só residentes em Inglaterra, Africa e Brazil, mas mesmo em Portugal.

A actual Camara estava reservado um largo e nobre futuro e muito della havia e esperar se todos trabalhassem por esse grande ideal, acreditando os productos portuguezes no estrangeiro, tornando conhecido o nome de Portugal e fazendo-o entrar no concerto das outras nações europeias que se tem engrandecido e elevado pelo seu commercio e industria.

Após as bellas palavras de S. Exa., o Ministro Portuguez, trocaram-se impressões e alvites entre os assistentes, sobre a melhor maneira de conduzir os trabalhos da Camara.

Pelos altos intuitos que animam os membros que compõem a commissão, incontrastaveis serviços ha a esperar dos trabalhos da Camara, fazendo entrar no grande mercado inglez os productos de Portugal e suas colonias que, em virtude da enorme concurrencia de outros paizes, estavam dia a dia perdendo terreno.

E' lóra de duvida que tudo o que tem o nome portuguez encontra sempre uma boa accetação no mercado inglez, ou sejam os seus afamados vinhos ou as suas deliciosas fructas. Outros artigos ha, quasi desco-



Sr. Lucas Caroça

nhecidos nesta grande metropole, exportados por Portugal e, que uma vez apresentados, teriam facil venda.

Com uma intensa propaganda, pois, e feita por firmas competentes muitas e importantissimas transacções se poderão fazer nos mercados inglezes.

A noticia da fundação da Camara Portugueza em Londres deve despertar indubitavelmente um grande enthusiasmo e satisfaçaõ em todas as casas commercias de Portugal e Brazil que tem de realizar transacções com a Inglaterra.

A todas está reservado um extraordinario successo, enormes vantagens e, se assim o comprehendem, virão honrar o nome de Portugal e fazer florecer uma obra que foi iniciada sob tão bons auspicios.

Agradecemos á commissão promotora, composta dos Snrs. Dr. Pedro Tovar, Samuel Lears e L. Caroça a honra do convite e fazemos os mais ardentes votos para que todo o commercio portuguez e brasileiro venha collaborar nessa grande empresa, dando-lhe prosperidade e brilhante futuro.

Entre a numerosa assistencia lembra-nos ter visto os Exmos. Snrs. :-

Jayme Seguier, Consul Portuguez.
Francisco Rodrigues Gomes.

Samuel Lears.

Lucas Caroça.

Horacio H. Cardoso.

A. M. dos Santos.

Henry J. Granville, representante da firma Pinto Leite & Nephews.

José Francisco da Silveira Junior.

R. M. Cardoso.

Eduardo Delgado.

Antonio de Mello Vaz Sampaio.

J. P. Mourão.

João Carlos Mardel.

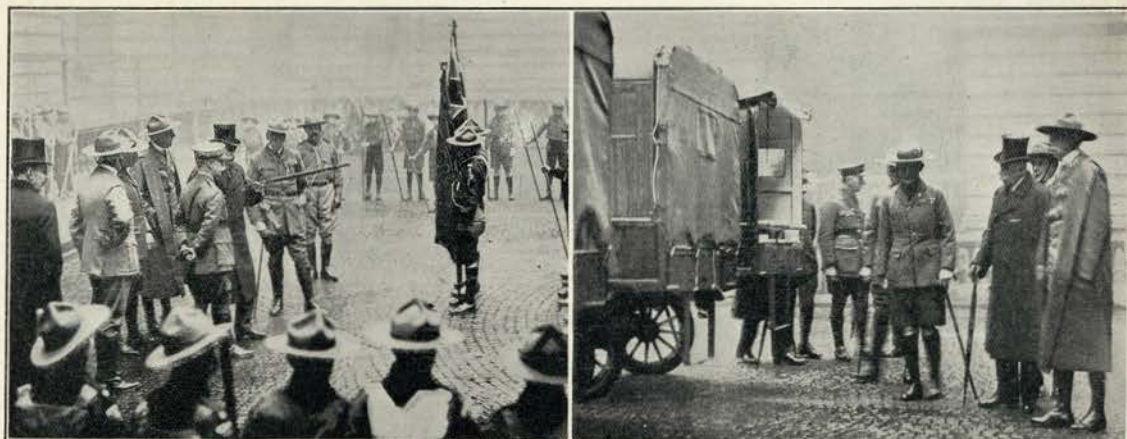
Eduardo Silva.



Sr. A. M. dos Santos



Sr. Horacio H. Cardoso



O estandarte dos Boy Scouts em frente do ministério da Guerra, em Londres, por ocasião das entrega de ambulancias presençadas pelo brioso corpo de jovens militares. Na segunda photographia vê-se igualmente o General Baden Powell, commandante em chefe do corpo de Boy Scouts, ao lado do Duque de Connaught que inspeciona as ambulancias

PUBLICAÇÕES

AO CLARÃO DOS OBUZES.

POR MARIO SETTE

O SR. MARIO SETTE, conhecido escritor e jornalista brasileiro, que já tem colaborada na nossa revista e cujos artigos tem sido muito apreciados pelos nossos leitores, lançou á publicidade o seu ultimo volume— "Ao Clarão dos Obuzes."

É uma serie de pequenas chronicas em que o buril do escritor esculpiu em paginas admiraveis o seu pensamento.

Algumas dessas chronicas são tão bellas que não se sabendo o que mais admirar, se o pensamento que as illuminou, se o rendilhado da forma em que estão escriptas.

A obra editada pela Liga Pernambucana Pro-Alliados, é em defeza das nações da Entente que estão lutando e vertendo o sangue



Um canhão allemão num subterraneo capturado pelas forças inglesas.

de seus filhos em favor do direito, da liberdade e da justiça.

A leitura dessas paginas, pois, vem revigorar a fé dos que estão pela causa dos alliados e acreditam no triumpho da civilisação.

DISCURSO.

Campanha contra o analfabetismo per Sílio Boccanera Junior, Bahia.

A BANDEIRA DE PORTUGAL

por Eduardo Pacheco, Editor Arnaldo Bordalo, Lisboa.

Saudação á heroica raça luzitana, symbolisada no glorioso emblema da patria.

DEPOIS DA VICTORIA.

por Marinha de Campos.

Drama original em 1 acto. Representado pela primeira vez no Theatro Politeama, de Lisboa, na noite de 22 de março de 1916 na festa artistica da actriz Etelvina Serra.



1—Chapeo de crenolina preta e côr de rosa, ornamentado com fita de velludo azul marinho e rosa de setim

2—Touca de velludo com um grampo de perola.

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Emprestimo do Governo de 4% de 1911.

Messrs. N. M. ROTHSCHILD & SONS participam que receberão os coupons a vencerem em 1 de Março de 1917, para o funding estabelecido e cujos detalhes já foram publicados.

New Court, St. Swithin's Lane, LONDRES, E.C.

JOHN WYMAN, LONDRES.

EXPORTADOR PARA O BRAZIL.

Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos.

Especialidades Inglesas e Estrangeiras.

MARCA REGISTRADA: "ESTRELLA VERMELHA," CONHECIDISSIMA EM TODO O BRAZIL HA MAIS DE 50 ANNOS.

'BLACK & WHITE' SCOTCH WHISKY.



THE CONNOISSEUR Drinks "BLACK & WHITE."

London and Brazilian Bank, Limited.

Estabelecido em 1862.

Capital subscrito, 125,000 Ações de £50 cada uma	£2,500,000
Capital realizado	£1,250,000
Fundo de reserva	£1,400,000

Casa Matriz: 7, Tokenhouse Yard, Londres, E.C.

SUCCURSAES —

BRAZIL: Rio de Janeiro, Manaus, Pará, Ceará, Pernambuco (Bahia, Santos, São Paulo, Curitiba), Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIO DA PRATA: Montevideo, Buenos-Aires, Rosario, ESTADOS UNIDOS DA AMERICA: Nova-York (Agencia).

FRANÇA: Paris, 5 rue Scribe. PORTUGAL: Lisboa, Porto. Agentes ou correspondentes em todas as principaes cidades do Brazil, Uruguay, Argentina, Estados Unidos da America, Ellizipya, Carta de credito, e Remessas Saques por telegrama emitidos pelas succursaes e Agente. Letras de Cambio descontadas ou mandadas a cobrança, e todo o genero de transacção bancaria.

STOWELL & Co., LIVERPOOL.

NO PARÁ Stowell Brothers
EM MANAOS Stowell & Sons
EM PERNAMBUCO Stowell & Nephew

EXPORTADORES E IMPORTADORES.

FERRAGENS, FAZENDAS, ESTIVAS, METAES.

ALGODÃO, BORRACHA.

BAISS BROTHERS & CO. Grange Works, LONDRES

(ESTABELECIDOS EM 1833).

Fabricantes de DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E ACCESSORIOS PARA HOSPITAES.



o "ROTULO VERMELHO" com a MARCA ACIMA É CONHECIDO NO BRAZIL HA UM SEculo uma Prova da BÓA QUALIDADE DE NOSSOS PRODUCTOS.

VERDADEIRA ALIMENTAÇÃO PARA CAES

Este cão é um exemplo do mais perfeito estado em que pode ser mantido um animal dessa especie—esplendido pelo, cheio de vida, e faz honra ao seu dono.

As refeições diarias tem consistido em:

SPRATT'S DOG CAKES

(Biscoito para cães)

PUPPY BISCUITS

(Biscoito para cachinhos)

Alimente o seu cão durante um mez com SPRATT'S BISCUITS (Biscoito Spratt) e verá como melhora. A Brim Spratt's é famosa em todas as partes do mundo para a alimentação de cães, gallinhas, pombos e aves domesticas.

Tambem somos fornecedores dos celeberrimos marca H. W. W. e qual chaceiro todos os ovos frescos. Escreva pedindo as publicações sobre o tratamento de cães, gallinhas, passaros e outras aves domesticas, mencionando para qual dia se escreve a desza. Enviaremos gratis. Dirija a correspondencia para: SPRATT'S PATENT LIMITED, 24/25 Fenchurch Street, Londres, Inglaterra.

R.M.S.P. & P.S.N.C.

MALA REAL INGLEZA).

Os mais luxuosos vapores com o maximo conforto.

Serviço continuo de paquetes entre os portos do IMPERIO BRITANNICO

HESPANHA, PORTUGAL, ilhas das CANARIAS, S. Vicente (C.V.), BRAZIL, RIO DA PRATA e outros portos da AMERICA DO SUL. ANTILHAS CANAL DO PANAMA.



Varandas para café. Apartamentos de luxo e Camarotes com uma unica cama Criados Portuguezes.

PARA INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE: Royal Mail Steam Packet Co., Pacific Steam Navigation Co., London: 18, Moorgate Street, E.C. Liverpool: 31, James Street.

RIO DE JANEIRO: 55, Avenida Rio Branco.

Linha de Vapores Nelson Viagens rapidas todas as semanas DE LONDRES A MONTEVIDEO E BUENOS AYRES.

Preços os mais modicos, com o maximo conforto.

Para informações sobre passagens ou fretes dirijam-se

Á agencia— WILSON SONS & CO., Rio de Janeiro. CHRISTOPHERSEN HNOS., Montevideo. H. & W. NELSON, LIMITED, Buenos Ayres.

FINANÇAS BRAZILEIRAS

The Financial Times é o mais importante jornal em materia de finanças e, no genero, o de maior circulação na Gran-Bretanha. Um diario incontestavelmente reconhecido como o melhor meio pelo qual os capitalistas ingleses correctamente se informam dos desenvolvimentos financeiros e commercias do Brazil.

Todas as communicações devem ser dirigidas ao Redactor ou Gerente Commercial "The Financial Times," 72, Coleman Street, Londres, E.C.

LINHA BOOTH.

Viagens regulares entre Liverpool, Hespanha, Portugal, Madeira, Pará e Manáos.

Os paquetes são confortavelmente aquecidos por meio de irradiadores, caprichosamente illuminados a luz electrica, e todos os seus compartimentos, aparelhados com ventiladores. Transportam installação de telegraphia sem fios, medicos, enfermeiros, creados de seus passageiros.

Para informações detalhadas dirijam-se aos agentes da Linha Booth, nos portos em que tocam, ou á THE BOOTH STEAMSHIP Co., Ltd.,

Escripórios de Londres: Tower Buildings, 11, Adelphi Terrace, W.C. Administração: Liverpool.

LAMPOR & HOLT LINE

Linha de vapores para transporte de passageiros e malas para a AMERICA DO SUL BRAZIL, RIO DE PRATA, E NEW YORK

Vapores de carga, directos, transportando passageiros os de primeira classe.

Partidas quinzenaes de Manchester, Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Partidas quinzenaes de Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para Montevideo, Buenos-Aires e Rosario. De Glasgow, Liverpool e Havre, para os portos occidentaes da America do Sul.

Para informações dirijam-se a LAMPOR & HOLT, Ltd.

LIVERPOOL—Royal Liver Building. LONDRES—38 Lime Street. MANCHESTER—21 York Street.

BEBAM SÓMENTE CHALIPTON

O melhor Chá do Mundo



A VENDA EM TODOS OS MELHORES ARMAZENS

SCENAS DA GUERRA



Infantaria inglesa marchando sobre a neve para as suas posições nas linhas de ataque



Artilharia inglesa na frente ocidental, entre a neve, esperando pelos aeroplanos allemães para os atacar